



O Boletim Trimestral de Consumo de Eletricidade é o novo relatório da EPE que visa complementar a Resenha Mensal do mercado de energia elétrica. Nesta edição, são analisados os principais movimentos ocorridos de janeiro a março de 2020 nas classes de consumo industrial, residencial e comercial, bem como a sua associação com a conjuntura econômica verificada no período.

OS PRINCIPAIS DESTAQUES NO TRIMESTRE



CONTEXTO

Consumo total de eletricidade cai em um ambiente de maior incerteza na economia



COMERCIAL

Queda no consumo do primeiro trimestre puxada pelo Centro-Sul do país



INDUSTRIAL

Quinta queda trimestral consecutiva do consumo industrial de eletricidade



RESIDENCIAL

Consumo de eletricidade estável nas residências



CONTEXTO ECONÔMICO

Queda do consumo e maior incerteza

No primeiro trimestre de 2020, o consumo de eletricidade no Brasil caiu 0,9% em relação ao mesmo período do ano anterior. As três classes de consumo – residencial, industrial e comercial – apresentaram quedas respectivas de 0,3%, 0,4% e 2,2% no trimestre.

A eclosão da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) no início deste ano impôs um cenário econômico adverso ao Brasil e ao mundo. Em meados do mês de março, começaram a ser adotadas medidas de isolamento social no Brasil a fim de combater a disseminação do vírus, em linha com ações já implementadas em diversos países, as quais aprofundaram os efeitos econômicos dessa crise em função da redução ou paralisação de algumas atividades. Em virtude desse quadro, o Indicador de Incerteza da Economia (IIE-Br) da FGV subiu 52,0 pontos em março, para 167,1 pontos, maior nível da série histórica que tem início em 2000, contra 112,9 em janeiro.

O indicador de atividade econômica do Banco Central (IBC-BR), que busca antecipar os resultados do PIB, anotou no primeiro trimestre de 2020 uma redução de 0,3% em relação a 2019, já refletindo efeitos iniciais da pandemia no mês de março, quando caiu 1,5%. Cabe mencionar que janeiro e fevereiro mostraram crescimento modesto, o que contribuiu para esse resultado.

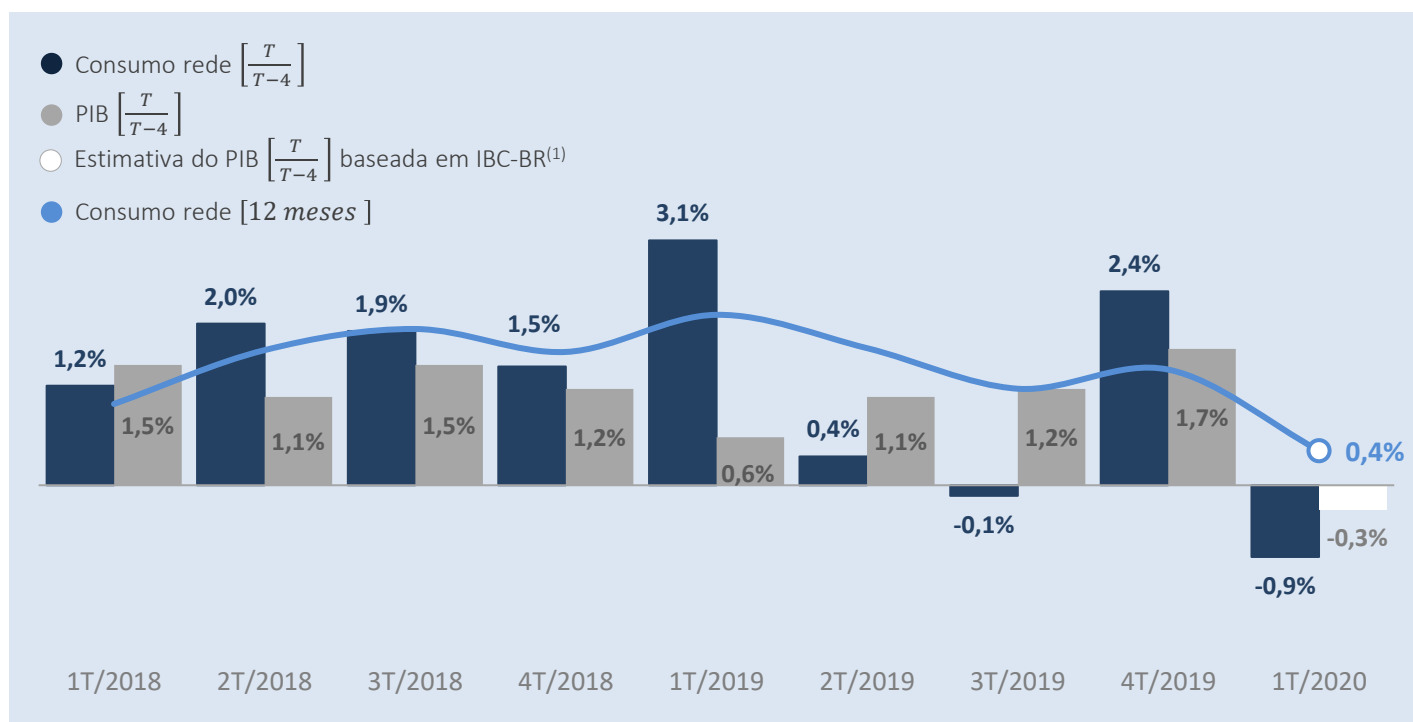
De acordo com os dados do IBGE, os efeitos da pandemia sobre os setores de comércio (PMC) e serviços (PMS) foram sentidos de forma mais intensa apenas em março, quando se observou redução de 1,2% nas vendas no varejo e de 2,7% no volume de serviços, na comparação com o mesmo mês de 2019. Cabe mencionar que esses setores vinham apresentando crescimento em janeiro e fevereiro, embora mais modesto nos serviços. Em função desse desempenho, o comércio varejista fechou um crescimento de 1,6% no 1º trimestre, com grande influência positiva dos segmentos de super e hipermercados, produtos farmacêuticos e médicos. Já o setor de serviços acumulou queda de 0,1% no período, afetado diretamente pelas medidas de isolamento e fechamento de bares, restaurantes e de atividades de turismo e lazer na segunda quinzena de março. Os resultados desses segmentos também podem ser vistos no consumo de eletricidade da classe comercial, que reduziu 3,1% em março, acumulando queda de 2,2% no trimestre.

Em relação à produção industrial (PIM), o resultado de março (-3,7%) intensificou o movimento de queda já observado desde o início do ano, na comparação com 2019. Cabe mencionar que a queda foi maior na transformação (-4,2%), puxada, principalmente, pela menor produção de bens de consumo duráveis (-9,7%) e não duráveis (-7,7%). Tais resultados levaram a uma retração de 1,6% no 1º trimestre de 2020. Apesar desse cenário, o consumo industrial de eletricidade apresentou queda suave no primeiro trimestre (-0,4%). Isso é explicado, de um lado, pela retomada de plantas industriais com grande peso no consumo de eletricidade no período, que compensa em parte os efeitos da redução de setores menos intensivos em eletricidade, e, de outro, pelo calendário de faturamento das distribuidoras de energia elétrica, uma vez que parte do consumo de março será faturado apenas em abril.

A classe residencial ainda não apresentou impactos significativos da pandemia no seu consumo de eletricidade. Esse resultado é explicado, em parte, pelo já mencionado calendário das distribuidoras de eletricidade. No entanto, os dados da PNAD Contínua para o 1º trimestre indicam que a crise ainda não havia afetado o mercado de trabalho até março, com redução na taxa de desocupação para 12,2% e crescimento de 0,8% no rendimento médio, o que pode ter impedido uma queda mais forte do consumo desta classe.

A Figura 1 mostra a recente evolução trimestral da atividade econômica brasileira e do consumo na rede do Brasil, além da evolução em 12 meses deste último indicador.

Figura 1 | Brasil: Consumo na rede vs. atividade econômica



Fonte: IBGE (dados do PIB), BCB (dados do IBC-BR)

⁽¹⁾ O crescimento do PIB no 1º trimestre de 2020 é estimado com base no IBC-BR (BCB) do período

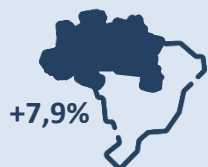


SETOR COMERCIAL E DE SERVIÇOS

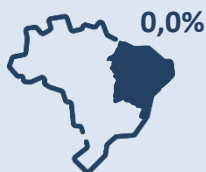
Queda no consumo do primeiro trimestre puxada pelo Centro-Sul do país

No primeiro trimestre de 2020, o consumo nacional de eletricidade do setor comercial e de serviços foi de 23.878 GWh, montante 2,2% menor do que em igual período no ano anterior². Já o resultado acumulado de doze meses do consumo cresceu 1,8%.

Apesar do impacto das medidas de contenção ao COVID-19 ter refletido na retração da atividade comercial do país a partir da segunda quinzena de março, a variação acumulada do volume de vendas no comércio varejista até março de 2020 apresentou expansão de 1,6 % (PMC/IBGE). Por sua vez, a variação acumulada do volume de serviços registrou queda de 0,1% (PMS/IBGE) no mesmo período. O rebatimento do efeito sobre as regiões brasileiras foram os seguintes:



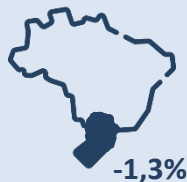
A região Norte foi a única que demonstrou aumento na taxa trimestral (+7,9%) e anual (+5,9%) do consumo de eletricidade do setor de comércio e serviços do país. Os maiores destaques no Norte no trimestre foram os estados de Amazonas (+12,7%), Amapá (+7,8%) e Pará (+7,5%).



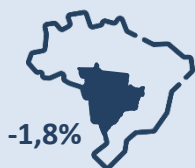
No Nordeste (0,0%), o consumo do trimestre se manteve praticamente inalterado em relação ao mesmo período do ano passado. Apesar de Alagoas (+5,4%), Piauí (+5,0%) e Paraíba (+4,3%) apresentarem expressivas taxas de crescimento, o consumo anual no Nordeste teve acréscimo de 5,0%, em grande parte devido ao aumento nas vendas de eletrodomésticos na região.



O Sudeste (-4,2%) registrou queda na sua taxa de consumo, puxado pelos estados do Rio de Janeiro (-7,6%), São Paulo (-4,1%) e Espírito Santo (-4,0%). Somente, Minas Gerais anotou variação positiva no período (+1,3%). O clima mais ameno no verão da região Sudeste em 2020 favoreceu a retração do consumo.



No Sul (-1,3%), todos os estados apresentaram taxas negativas no consumo: Paraná e Santa Catarina (-1,4% em ambos) e Rio Grande do Sul (-1,1%). A temperatura mais branda no verão de 2020 em relação ao de 2019 na região Sul foi um dos fatores que contribuiu para a redução da taxa de consumo.



Na região Centro-Oeste, a taxa trimestral de consumo caiu 1,8% em relação à 2019. Já nos 12 meses a taxa aumentou 2,5%. O estado de Mato Grosso se destacou na taxa trimestral (+2,4%), assim como na taxa anual de consumo (+5,9%). ■

² As variações observadas no texto referem-se ao 1º trimestre de 2020 em relação ao trimestre do ano anterior.



SETOR INDUSTRIAL

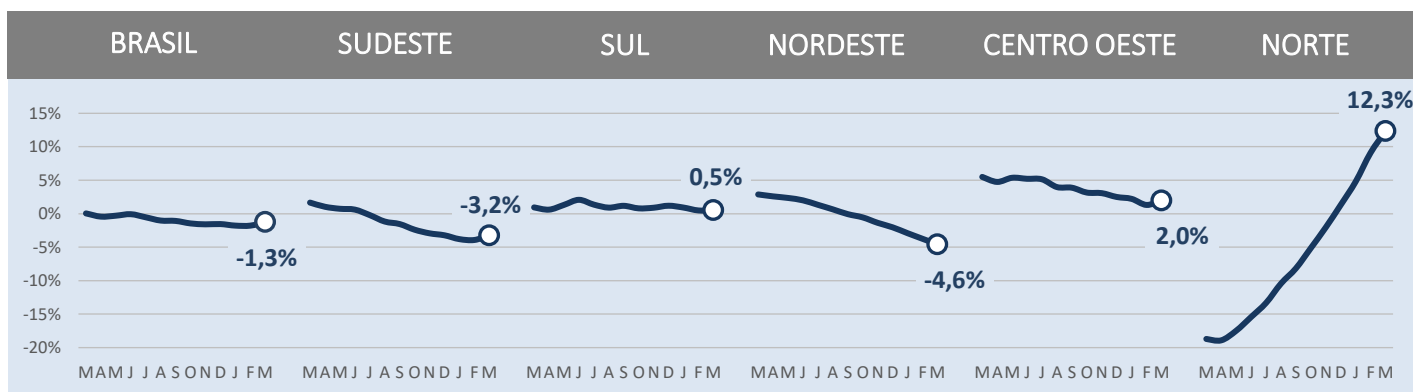
Quinta queda trimestral consecutiva do consumo industrial de eletricidade

O consumo nacional de energia elétrica das Indústrias³ fechou o 1º trimestre de 2020 em 41,3 TWh, com um declínio de 0,4% sobre o mesmo período de 2019. É a quinta queda trimestral consecutiva da demanda industrial, sugerindo uma manutenção do enfraquecimento da atividade econômica exibida desde 2019.

Este resultado também foi acompanhado pela Pesquisa PIM-PF/IBGE que anotou redução de 1,7% no 1º trimestre do ano e de 1,0% no acumulado de 12 meses fechado em março. Em relações aos indicadores industriais do mês, a ociosidade do parque produtivo permaneceu elevada em março, em torno de 25% (FGV), com tendência de alta, em razão das medidas de isolamento social iniciadas em março no país devidas à pandemia do COVID-19.

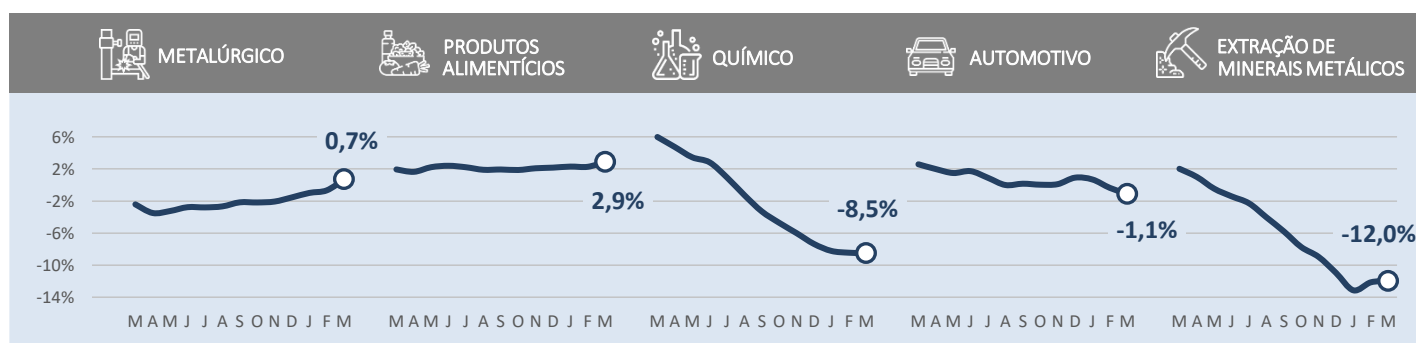
É importante salientar que o efeito de tais medidas no consumo industrial de eletricidade coletado pela EPE foi pequeno em março, influenciando parte do consumo livre da classe, cuja contabilização é o calendário civil. A parcela do consumo industrial que depende do calendário de faturamento dos agentes de distribuição, possuindo uma parte medida em março (faturado em março/abril) e uma parte medida em abril (faturado em abril/maio) sofrerá a maior parte do efeito negativo a partir de abril.

Figura 2 | Brasil e Regiões: Séries de taxas do acumulado de 12 meses do consumo industrial 2019-2020.



A região Norte registrou crescimento médio de 12,3% nos últimos 12 meses, com forte peso entre janeiro e março (+19,7%). Isto se deve ao efeito estatístico de base baixa assinalado pela metalurgia dos metais não-ferrosos desde junho de 2019, quando planta eletrointensiva de alumínio primário retomou de modo gradual o seu nível de produção anterior às restrições ambientais impostas em 2018.

Figura 3 | Ramos eletrointensivos industriais - séries de taxas do acumulado de 12 meses do consumo industrial 2019-2020.



³ Consumo via rede elétrica. Não inclui autoprodução não-injetada na rede.

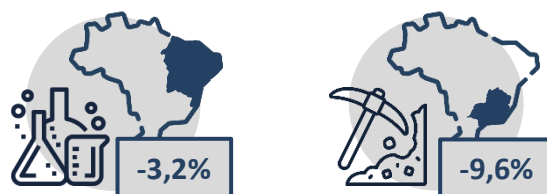
Figura 4 | Brasil: Consumo Industrial por setor – Taxas trimestrais

CONSUMO INDUSTRIAL POR SETOR				
10+ ELETROINTENSIVOS	PART.	ΔGWh	Δ%	
 METALÚRGICO	23,8%	274	2,9%	
 PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	14,0%	203	3,7%	
 BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO	5,6%	27	1,2%	
 PRODUTOS MINERAIS NÃO METÁLICOS	7,5%	24	0,8%	
 TÊXTIL	3,6%	-19	-1,3%	
 PAPEL E CELULOSE	5,1%	-39	-1,8%	
 PRODUTOS METÁLICOS (EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS)	2,4%	-100	-9,6%	
 AUTOMOTIVO	3,7%	-131	-8,0%	
 QUÍMICO	10,8%	-145	-3,2%	
 EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS	6,7%	-288	-9,6%	
TOTAL	83,2%	-194	-0,4%	

Na indústria, o ramo alimentício cresceu 3,7% no período, sobretudo pelos avanços do Sul (+6,1%) e do Centro-Oeste (+3,1%).



O recuo do setor químico (-3,2%) foi o principal responsável pela queda de consumo no Nordeste (-4,0%) no 1º trimestre de 2020. Se sobressaíram as restrições de operação das plantas de soda-cloro e de diclorometano no estado de Alagoas (-75,5%) e a produção de adubos e fertilizantes em Sergipe (-85,9%).



No ramo extrativo (-9,6%), o desastre ambiental de Brumadinho/MG, ocorrido no mês de janeiro de 2019, permaneceu influenciando o consumo da extração de minério de ferro e da pelotização em Minas Gerais (-15,9%); e da pelotização no Espírito Santo (-31,2%).

O setor automotivo, oitavo maior consumidor de eletricidade entre os setores da indústria, registrou queda de 8,0% no consumo do 1º trimestre do ano, em função dos declínios da produção (-16,0%), das exportações (-14,9%) e dos licenciamentos (-8,1%), segundo ANFAVEA. ■



SETOR RESIDENCIAL

Consumo de eletricidade estável nas residências

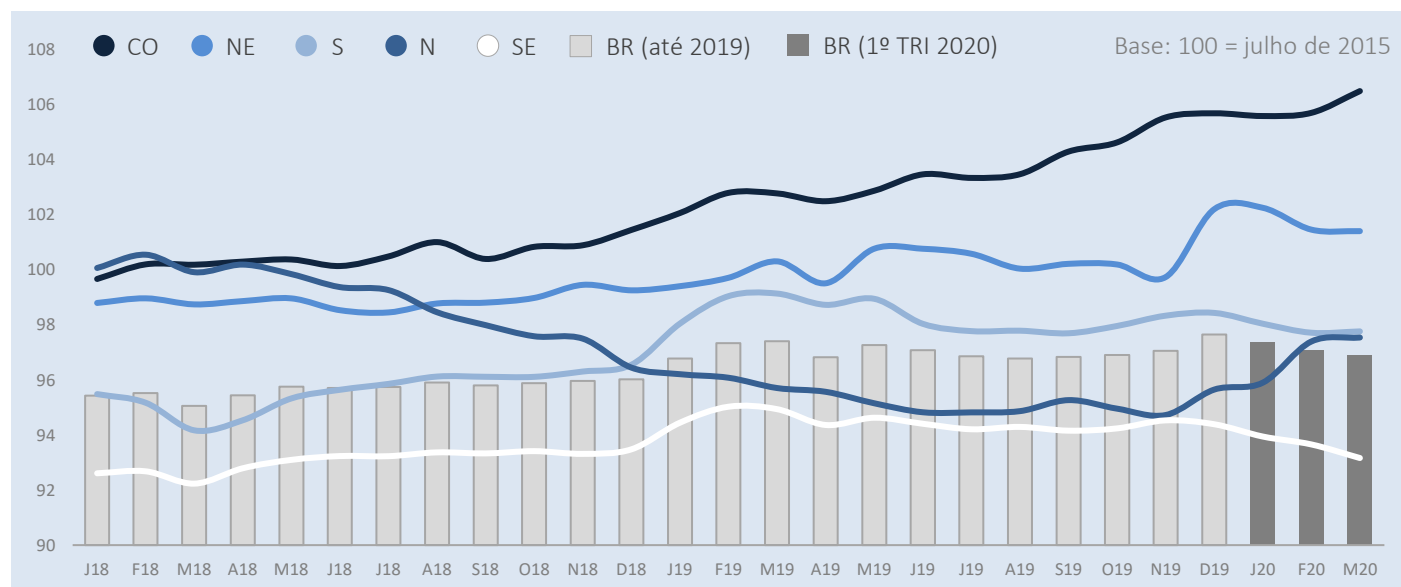
O consumo de eletricidade nas residências do país no primeiro trimestre de 2020 ficou estável em relação ao mesmo período do ano anterior.

Inicialmente é necessário salientar que, uma vez que o intervalo entre as medições de consumo feitas pela distribuidora para parte de seus consumidores residenciais não corresponde ao mês civil, estes resultados do trimestre ainda não refletem em sua totalidade os efeitos das medidas de isolamento social adotadas em várias cidades, com o intuito de conter a pandemia do COVID-19, iniciadas a partir da metade do mês de março. Tampouco a possibilidade de faturamento pelo consumo médio dos últimos 12 meses em vez da leitura padrão, conforme autorizado pela ANEEL na Resolução Normativa nº 878/2020.

Essas considerações sobre o consumo residencial apurado no trimestre valem também ao cotejá-lo com o desempenho do mercado de trabalho nesse período, em que se observou, de acordo com a PNADC, redução do nível de ocupação no país e estabilidade da massa de rendimentos ante mesmo trimestre de 2019, que o IBGE não assegura quanto tenham sido impactados pelas medidas de isolamento social; ou com a queda na confiança do consumidor em março apontada pela FGV, que já reflete os primeiros efeitos da pandemia do COVID-19.

Pela Figura 5, que mostra a evolução mensal do consumo médio residencial (CMR) para o conjunto do país e por região, bem como a influência dos resultados do trimestre em seu comportamento, observa-se que a redução na média brasileira foi puxada pelo Sul e, principalmente, pelo Sudeste. Este recuo no trimestre, no entanto, foi compensado pela expansão de 1,9% na base de consumidores residenciais - com isso, o consumo acumulado no período (37.723 GWh) alcançou patamar próximo ao de 2019.

Figura 5 | Brasil e Regiões: Consumo médio residencial (CMR – número índice)



Com o clima mais ameno, houve menor demanda para climatização nas residências do Sul e do Sudeste este ano. O consumo reduzido e a base elevada de comparação – no ano passado, temperaturas muito altas no primeiro trimestre fizeram o consumo crescer bastante nas regiões Sul e Sudeste, respectivamente 10,6% e 6,1 % – resultaram em taxas negativas no 1º trimestre de 2020 nessas regiões.

Os principais movimentos identificados entre as regiões brasileiras em termos de consumo da classe residencial de eletricidade são destacados a seguir:



As quedas ocorridas no Sul (-0,6%) e no Sudeste (-3,5%), que abrigam a maior parte da população e que respondem por quase 60% do consumo residencial do país, foram equilibradas por crescimentos no Norte (10,9%), Centro-Oeste (3,3%) e Nordeste (2,9%).



O crescimento na região Norte foi distribuído por todos os estados, com taxas variando de 5,6%, no Tocantins, a 13%, no Amazonas. No Pará, maior mercado da região, o crescimento de 12,2% teve parte desse resultado atribuído ao consumo recuperado pela redução de perdas na rede de distribuição, conforme o relatório de informações operacionais da distribuidora local.



No Nordeste, as vendas de eletrodomésticos tiveram forte aumento em 2019, possivelmente favorecidas pelo saque imediato do FGTS (R\$ 500 por conta ativa ou inativa) disponível a partir do 3º trimestre de 2019. Considerando o nível de renda médio na região, esse recurso adicional no orçamento doméstico, mesmo que parte dele tenha sido usado no pagamento de dívidas, pode ter sido um estímulo significativo ao consumo de bens. Em consonância, houve um avanço no consumo médio residencial na região (ver Figura 5).



O estado do Mato Grosso, onde o consumo no trimestre aumentou 7,7%, permanece como destaque no Centro-Oeste. Em 2019, o consumo anual nesse estado teve acréscimo de 11,4%, sendo o maior na região e no país. ■

Coordenação Geral

Giovani Vitória Machado

Coordenação Executiva

Carla C. Lopes Achão

Coordenação Técnica

Arnaldo dos Santos Junior

Glauco Vinicius Ramalho Faria

Equipe Técnica

Aline Moreira Gomes

Flávio Raposo de Almeida

Lena Santini Souza Menezes Loureiro

Lidiane de Almeida Modesto

Marcelo Henrique Cayres Loureiro

Simone Saviolo Rocha

Thiago Toneli Chagas

A EPE se exime de quaisquer responsabilidades sobre decisões ou deliberações tomadas com base no uso das informações contidas neste informe, assim como pelo uso indevido dessas informações.

Dúvidas podem ser endereçadas ao e-mail copam@epe.gov.br



Para saber mais, acesse os seguintes dados na íntegra:

Resenha Mensal do Mercado de Eletricidade (<https://bit.ly/3e05DZu>)

Séries históricas de consumo mensal (<https://bit.ly/2LFHxqM>)